

DOMINGO III DA PÁSCOA

CIC 1346-1347: a Eucaristia e a experiência dos discípulos de Emaús

1346 A liturgia eucarística processa-se em conformidade com uma estrutura fundamental, que se tem conservado através dos séculos até aos nossos dias. Desdobra-se em dois grandes momentos, que formam basicamente uma unidade:

– a reunião, a *liturgia da Palavra*, com as leituras, a homilia e a oração universal;

– a *liturgia eucarística*, com a apresentação do pão e do vinho, a acção de graças consecratória e a comunhão.

Liturgia da Palavra e liturgia eucarística constituem juntas “um só e mesmo acto de culto”¹. Com efeito, a mesa posta para nós na Eucaristia é, ao mesmo tempo, a da Palavra de Deus e a do corpo do Senhor².

1347 Não é esse também o dinamismo da refeição pascal de Jesus Ressuscitado com os seus discípulos? Enquanto caminhavam, Ele explicava-lhes as Escrituras; depois, pondo-Se à mesa com eles, «tomou o pão, proferiu a bênção, partiu-o e deu-lho»³.

CIC 642-644, 857, 995-996: os apóstolos e os discípulos, testemunhas da Ressurreição

642 Tudo quanto aconteceu nestes dias pascais empenha cada um dos Apóstolos – e muito particularmente Pedro – na construção da era nova, que começa na manhã do dia de Páscoa. Como testemunhas do Ressuscitado, eles são as pedras do alicerce da sua Igreja. A fé da primeira comunidade dos crentes está fundada no testemunho de homens concretos, conhecidos dos cristãos e, a maior parte, vivendo ainda entre eles. Estas «testemunhas da ressurreição de Cristo»⁴ são, em primeiro lugar, Pedro e os Doze. Mas há outros: Paulo fala claramente de mais de quinhentas pessoas às quais Jesus apareceu em conjunto, além de Tiago e de todos os Apóstolos⁵.

643 Perante estes testemunhos, é impossível interpretar a ressurreição de Cristo fora da ordem física e não a reconhecer como um facto histórico. Resulta, dos factos, que a fé dos discípulos foi submetida à prova radical da paixão e morte

¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. *Sacrosanctum Concilium*, 56: AAS 56 (1964) 115.

² Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Verbum*, 21: AAS 58 (1966) 827.

³ Cf. *Lc* 24, 13-35.

⁴ Cf. *Act* 1, 22.

⁵ Cf. *1 Cor* 15, 4-8.

de cruz do seu Mestre, por este de antemão anunciada⁶. O abalo provocado pela paixão foi tão forte que os discípulos (pelo menos alguns) não acreditaram imediatamente na notícia da ressurreição. Longe de nos apresentar uma comunidade tomada de exaltação mística, os evangelhos apresentam-nos os discípulos abatidos (de «rosto sombrio»: *Lc 24, 17*) e apavorados⁷. Foi por isso que não acreditaram nas santas mulheres, regressadas da sua visita ao túmulo, e «as suas narrativas pareceram-lhes um desvario» (*Lc 24, 11*)⁸. Quando Jesus apareceu aos onze, na tarde do dia de Páscoa, «censurou-lhes a falta de fé e a teimosia em não quererem acreditar naqueles que O tinham visto ressuscitado» (*Mc 16, 14*).

644 Mesmo confrontados com a realidade de Jesus Ressuscitado, os discípulos ainda duvidam⁹, de tal modo isso lhes parecia impossível: julgavam ver um fantasma¹⁰. «Por causa da alegria, estavam ainda sem querer acreditar e cheios de assombro» (*Lc 24, 41*). Tomé experimentará a mesma provação da dúvida¹¹, e quando da última aparição na Galileia, referida por Mateus, «alguns ainda duvidavam» (*Mt 28, 17*). É por isso que a hipótese, segundo a qual a ressurreição teria sido um «produto» da fé (ou da credulidade) dos Apóstolos, é inconsistente. Pelo contrário, a sua fé na ressurreição nasceu – sob a acção da graça divina – da experiência directa da realidade de Jesus Ressuscitado.

857 A Igreja é apostólica, porque está fundada sobre os Apóstolos. E isso em três sentidos:

– foi e continua a ser construída sobre o «alicerce dos Apóstolos» (*Ef 2, 20*)¹², testemunhas escolhidas e enviadas em missão pelo próprio Cristo¹³;

– guarda e transmite, com a ajuda do Espírito Santo que nela habita, a doutrina¹⁴, o bom depósito, as sãs palavras recebidas dos Apóstolos¹⁵;

– continua a ser ensinada, santificada e dirigida pelos Apóstolos até ao regresso de Cristo, graças àqueles que lhes sucedem no ofício pastoral: o colégio dos bispos, «assistido pelos presbíteros, em união com o sucessor de Pedro, pastor supremo da Igreja»¹⁶:

«Pastor eterno, não abandonais o vosso rebanho, mas sempre o guardais e protegeis por meio dos santos Apóstolos, para que seja conduzido através dos tempos, pelos mesmos chefes que pusestes à sua frente como representantes do vosso Filho, Jesus Cristo»¹⁷.

995 Ser testemunha de Cristo é ser «testemunha da sua ressurreição» (*Act 1, 22*)¹⁸, é «ter comido e bebido com Ele depois da sua ressurreição dos mortos» (*Act*

⁶ Cf. *Lc 22, 31-32*.

⁷ Cf. *Jo 20, 19*.

⁸ Cf. *Mc 16, 11.13*.

⁹ Cf. *Lc 24, 38*.

¹⁰ Cf. *Lc 24, 37*.

¹¹ Cf. *Jo 20, 24-27*.

¹² Cf. *Ap 21, 14*.

¹³ Cf. *Mt 28, 16-20; Act 1, 8; 1 Cor 9, 1; 15, 7-8; Gl 1, 1; etc.*

¹⁴ Cf. *Act 2, 42*.

¹⁵ Cf. *2 Tm 1, 13-14*.

¹⁶ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Ad gentes*, 5: AAS 58 (1966) 952.

¹⁷ *Prefácio dos Apóstolos I: Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p. 426 [*Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, p. 493].

¹⁸ Cf. *Act 4, 33*.

10, 41). A esperança cristã na ressurreição é toda marcada pelos encontros com Cristo ressuscitado. Nós ressuscitaremos como Ele, com Ele e por Ele.

- 996** Desde o princípio que a fé cristã na ressurreição se deparou com incompreensões e oposições¹⁹. «Não há ponto em que a fé cristã encontre mais contradição do que o da ressurreição da carne»²⁰. É bastante comum a aceitação de que, depois da morte, a vida da pessoa humana continua de modo espiritual. Mas como acreditar que este corpo, tão manifestamente mortal, possa ressuscitar para a vida eterna?

CIC 102, 426-429, 601, 2763: Cristo, a chave para interpretar as Escrituras

- 102** Através de todas as palavras da Sagrada Escritura, Deus não diz mais que uma só Palavra, o seu Verbo único, em quem totalmente Se diz²¹:

«Lembra-vos de que o discurso de Deus que se desenvolve em todas as Escrituras é um só, e um só é o Verbo que Se faz ouvir na boca de todos os escritores sagrados, o qual, sendo no princípio Deus junto de Deus, não tem necessidade de sílabas, pois não está sujeito ao tempo»²².

- 426** «No coração da catequese, encontramos essencialmente uma Pessoa: Jesus de Nazaré, Filho único do Pai [...], que sofreu e morreu por nós e que agora, ressuscitado, vive connosco para sempre [...]. Catequizar [...] é revelar, na Pessoa de Cristo, todo o desígnio eterno de Deus. É procurar compreender o significado dos gestos e das palavras de Cristo e dos sinais por Ele realizados»²³. O fim da catequese é «pôr em comunhão com Jesus Cristo: somente Ele pode levar ao amor do Pai, no Espírito, e fazer-nos participar na vida da Santíssima Trindade»²⁴.

- 427** «Na catequese, é Cristo, Verbo Encarnado e Filho de Deus, que é ensinado; tudo o mais é-o em referência a Ele. E só Cristo ensina. Todo e qualquer outro o faz apenas na medida em que é seu porta-voz, consentindo em que Cristo ensine pela sua boca [...]. Todo o catequista deveria poder aplicar a si próprio a misteriosa palavra de Jesus: “A minha doutrina não é minha, mas d’Aquele que Me enviou” (Jo 7, 16)»²⁵.

- 428** Aquele que é chamado a «ensinar Cristo» deve, portanto, antes de mais nada, procurar «esse lucro sobreeminente que é o conhecimento de Jesus Cristo». Tem de «aceitar perder tudo [...] para ganhar Cristo e encontrar-se n’Ele» e «conhecê-Lo, a Ele, na força da sua ressurreição e na comunhão com os seus sofrimentos, conformar-se com Ele na morte para, se possível, chegar a ressuscitar dos mortos» (Fl 3, 8-11).

¹⁹ Cf. Act 17, 32; 1 Cor 15, 12-13.

²⁰ SANTO AGOSTINHO, *Enarratio in Psalmum* 88, 2, 5: CCL 39, 1237 (PL 37, 1134).

²¹ Cf. Heb 1, 1-3.

²² SANTO AGOSTINHO, *Enarratio in Psalmum* 103, 4, 1: CCL 40, 1521 (PL 37, 1378).

²³ JOÃO PAULO II, Ex. Ap. *Catechesi tradendae*, 5: AAS 71 (1979), 1280-1281.

²⁴ JOÃO PAULO II, Ex. Ap. *Catechesi tradendae*, 5: AAS 71 (1979), 1281.

²⁵ JOÃO PAULO II, Ex. Ap. *Catechesi tradendae*, 6: AAS 71 (1979), 1281-1282.

429 Deste conhecimento amoroso de Cristo brota o desejo de O anunciar, de «evangelizar» e levar os outros ao «sim» da fé em Jesus Cristo. Mas, ao mesmo tempo, faz-se sentir a necessidade de conhecer sempre melhor esta fé. Com esse objectivo, seguindo a ordem do Símbolo da fé, primeiro serão apresentados os principais títulos de Jesus: Cristo, Filho de Deus, Senhor (*Artigo 2*). O Símbolo confessa, em seguida, os principais mistérios da vida de Cristo: da sua Encarnação (*Artigo 3*), da sua Páscoa (*Artigos 4 e 5*) e, por fim, da sua Glorificação (*Artigos 6 e 7*).

601 Este plano divino de salvação, pela entrega à morte do «Servo, o Justo»²⁶, tinha sido de antemão anunciado na Escritura como um mistério de redenção universal, quer dizer, de resgate que liberta os homens da escravidão do pecado²⁷. São Paulo professa, numa confissão de fé que diz ter «recebido»²⁸, que «Cristo morreu pelos nossos pecados *segundo as Escrituras*»²⁹. A morte redentora de Jesus deu cumprimento sobretudo à profecia do Servo sofredor³⁰. O próprio Jesus apresentou o sentido da sua vida e da sua morte à luz do Servo sofredor³¹. Após a sua ressurreição, deu esta interpretação das Escrituras aos discípulos de Emaús³² e depois aos próprios Apóstolos³³.

2763 Todas as Escrituras (a Lei, os Profetas e os Salmos) se cumpriram em Cristo³⁴. O Evangelho é esta «boa-nova». O seu primeiro anúncio está resumido por São Mateus no sermão da montanha³⁵. Ora a oração do Pai-nosso está no centro deste anúncio. E é neste contexto que se elucida cada uma das petições da oração legada pelo Senhor:

«A oração dominical é a mais perfeita das orações [...]. Nela, não só pedimos tudo quanto podemos rectamente desejar, mas também segundo a ordem em que convém desejá-lo. De modo que esta oração, não só nos ensina a pedir, mas também plasma todos os nossos afectos»³⁶.

CIC 457, 604-605, 608, 615-616, 1476, 1992:

Jesus, o cordeiro oferecido pelos nossos pecados

457 O Verbo fez-Se carne *para nos salvar, reconciliando-nos com Deus*: «Foi Deus que nos amou e enviou o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados» (*1 Jo 4, 10*). «O Pai enviou o Filho como salvador do mundo» (*1 Jo 4, 14*). «E Ele veio para tirar os pecados» (*1 Jo 3, 5*):

«Enferma, a nossa natureza precisava de ser curada; decaída, precisava de ser elevada; morta, precisava de ser ressuscitada. Tínhamos perdido a posse do bem; era preciso que nos fosse restituído. Encerrados nas trevas, precisávamos de quem nos trouxesse a

²⁶ Cf. *Is 53, 11*; *Act 3, 14*.

²⁷ Cf. *Is 53, 11-12*; *Jo 8, 34-36*.

²⁸ Cf. *1 Cor 15, 3*.

²⁹ Cf. também *Act 3, 18*; *7, 52*; *13, 29*; *26, 22-23*.

³⁰ Cf. *Is 53, 7-8*; *Act 8, 32-35*.

³¹ Cf. *Mt 20, 28*.

³² Cf. *Lc 24, 25-27*.

³³ Cf. *Lc 24, 44-45*.

³⁴ Cf. *Lc 24, 44*.

³⁵ Cf. *Mt 5-7*.

³⁶ SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, 2-2, q. 83, a. 9, c. Ed. Leon. 9, 201.

luz; cativos, esperávamos um salvador; prisioneiros, esperávamos um auxílio; escravos, precisávamos dum libertador. Seriam razões sem importância? Não seriam suficientes para comover a Deus, a ponto de O fazer descer até à nossa natureza humana para a visitar, já que a humanidade se encontrava em estado tão miserável e infeliz?»³⁷.

- 604** Entregando o seu Filho pelos nossos pecados, Deus manifesta que o seu plano sobre nós é um desígnio de amor benevolente, independente de qualquer mérito da nossa parte: «Nisto consiste o amor: não fomos nós que amámos a Deus, foi Deus que nos amou a nós e enviou o seu Filho como vítima de propiciação pelos nossos pecados» (1 Jo 4, 10)³⁸. «Deus prova assim o seu amor para conosco: Cristo morreu por nós quando ainda éramos pecadores» (Rm 5, 8).
- 605** Este amor é sem exclusão. Jesus lembrou-o ao terminar a parábola da ovelha perdida: «Assim, não é da vontade do meu Pai, que está nos céus, que se perca um só destes pequeninos» (Mt 18, 14). E afirma «dar a Sua vida em resgate *pela multidão*» (Mt 20, 28). Esta última expressão não é restritiva: simplesmente contrapõe o conjunto da humanidade à pessoa única do redentor, que Se entrega para a salvar³⁹. No seguimento dos Apóstolos⁴⁰, a Igreja ensina que Cristo morreu por todos os homens, sem excepção: «Não há, não houve, nem haverá nenhum homem pelo qual Cristo não tenha sofrido»⁴¹.
- 608** Depois de ter aceitado dar-Lhe o baptismo como aos pecadores⁴², João Baptista viu e mostrou em Jesus o «Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo»⁴³. Manifestou deste modo que Jesus é, ao mesmo tempo, o Servo sofredor, que Se deixa levar ao matadouro sem abrir a boca⁴⁴, carregando os pecados das multidões⁴⁵, e o cordeiro pascal, símbolo da redenção de Israel na primeira Páscoa⁴⁶. Toda a vida de Cristo manifesta a sua missão: «servir e dar a vida como resgate pela multidão»⁴⁷.
- 615** «Como pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, pela obediência de um só, muitos se tornarão justos» (Rm 5, 19). Pela sua obediência até à morte, Jesus realizou a acção substitutiva do Servo sofredor, que «oferece a sua vida como sacrifício de expiação», «ao carregar com o pecado das multidões», «que justifica carregando Ele próprio com as suas faltas»⁴⁸. Jesus reparou as nossas faltas e satisfez ao Pai pelos nossos pecados⁴⁹.
- 616** É o «amor até ao fim»⁵⁰ que confere ao sacrifício de Cristo o valor de redenção e reparação, de expiação e satisfação. Ele conheceu-nos e amou-nos todos no

³⁷ SÃO GREGÓRIO DE NISSA, *Oratio catechetica* 15, 3: TD 7, 78 (PG 45, 48).

³⁸ Cf. 1 Jo 4, 19.

³⁹ Cf. Rm 5, 18-19.

⁴⁰ Cf. 2 Cor 5, 15; 1 Jo 2, 2.

⁴¹ CONCÍLIO DE QUIERCY (ano 853), *De libero arbitrio hominis et de praedestinatione*, canon 4: DS 624.

⁴² Cf. Lc 3, 21; Mt 3, 14-15.

⁴³ Cf. Jo 1, 29.36.

⁴⁴ Cf. Is 53, 7; Jr 11, 19.

⁴⁵ Cf. Is 53, 12.

⁴⁶ Cf. Ex 12, 3-14; Jo 19, 36; 1 Cor 5, 7.

⁴⁷ Cf. Mc 10, 45.

⁴⁸ Cf. Is 53, 10-12.

⁴⁹ Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 6ª, *Decretum de iustificatione*, c. 7: DS 1529.

⁵⁰ Cf. Jo 13, 1.

oferecimento da sua vida⁵¹. «O amor de Cristo nos pressiona, ao pensarmos que um só morreu por todos e que todos, portanto, morreram» (2 Cor 5, 14). Nenhum homem, ainda que fosse o mais santo, estava em condições de tomar sobre si os pecados de todos os homens e de se oferecer em sacrifício por todos. A existência, em Cristo, da pessoa divina do Filho, que ultrapassa e ao mesmo tempo abrange todas as pessoas humanas e O constitui cabeça de toda a humanidade, é que torna possível o seu sacrifício redentor *por todos*.

1476 A estes bens espirituais da comunhão dos santos, também lhes chamamos o *tesouro da Igreja*, «que não é um somatório de bens, como quando se trata das riquezas materiais acumuladas no decurso dos séculos, mas sim o preço infinito e inesgotável que têm junto de Deus as expiações e méritos de Cristo, nosso Senhor, oferecidos para que a humanidade seja liberta do pecado e chegue à comunhão com o Pai. É em Cristo, nosso Redentor, que se encontram em abundância as satisfações e os méritos da sua redenção⁵²».

1992 A justificação foi-nos *merecida pela paixão de Cristo*, que na cruz Se ofereceu como hóstia viva, santa e agradável a Deus, e cujo sangue se tornou instrumento de propiciação pelos pecados de todos os homens. A justificação é concedida pelo Baptismo, sacramento da fé. Conforma-nos com a justiça de Deus que nos torna interiormente justos pelo poder da sua misericórdia. E tem por fim a glória de Deus e de Cristo, e o dom da vida eterna⁵³;

«Mas agora, foi sem a Lei que se manifestou a justiça de Deus, atestada pela Lei e pelos Profetas: a justiça que vem para todos os crentes, mediante a fé em Jesus Cristo. É que não há diferença alguma: todos pecaram e estão privados da glória de Deus. Sem o merecerem, são justificados pela sua graça, em virtude da redenção realizada em Cristo Jesus. Deus ofereceu-o para, nele, pelo seu sangue, se realizar a expiação que actua mediante a fé; foi assim que Ele mostrou a sua justiça, ao perdoar os pecados cometidos outrora, no tempo da divina paciência. Deus mostra assim a sua justiça no tempo presente, porque Ele é justo e justifica quem tem fé em Jesus» (Rm 3, 21-26).

⁵¹ Cf. Gl 2, 20; Ef 5, 2.25.

⁵² PAULO VI, Const. ap. *Indulgentiarum doctrina* 5: AAS 59 (1967) 11.

⁵³ CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 6ª, *Decretum de iustificatione*, c. 7: DS 1529.

